

# Imaginação histórica: ficção e subjetividade na escrita escolar

Ilse Leone B. C. de Oliveira  
Andréa Ferreira Delgado

Recebido 18, jun. 2008 / Aprovado 25, set. 2008

## Resumo

*Este trabalho se propõe a investigar marcas de subjetividade encontradas em textos produzidos, por alunos de 7º ano do Ensino Fundamental, a partir de uma experiência interdisciplinar a que chamamos “Exercício de Imaginação Histórica”. O trabalho fundamentou-se no estudo das características do gênero diário e nos pressupostos teóricos da História Cultural e do Cotidiano. A produção dos alunos foi analisada sob o ponto de vista da materialidade lingüística, responsável pela configuração dos textos como diários, e da construção de sentidos que cada aluno conseguiu, com base nos conhecimentos e nos conceitos históricos, lingüísticos e literários que apreendeu. A análise permitiu observar que, para produzir, condicionados pelo contexto histórico, os alunos criaram estratégias a fim de exercitar a criatividade, exercitando também sua subjetividade como forma de garantir caráter ficcional à narrativa.*

**Palavras-chave:** *Interdisciplinaridade. Diário. Subjetividade. História cultural.*

## Apresentação

O trabalho que aqui se apresenta são reflexões acerca de uma atividade de produção de escrita escolar desenvolvida a partir de experiências pedagógicas interdisciplinares entre Português e História. Essa atividade foi realizada, passando por pequenas modificações e adaptações, nos anos 2002, 2003, 2005 e 2007, com turmas de 7º ano do Ensino Fundamental (até 2005, 6ª série), no Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação da Universidade Federal de Goiás - CEPAE/UFG.

Essa atividade interdisciplinar não é isolada, uma vez que se insere num projeto de ensino interdisciplinar (KLEIMAN, 1999) que nós, professoras de Português e de História, produzimos e desenvolvemos nos últimos sete anos. Para levá-lo a efeito, discutimos e planejamos em conjunto, a cada início de ano letivo, nossa ação pedagógica, integrando as propostas de ensino de Português e História.

A interdisciplinaridade, concebida como princípio da diversidade e da criatividade, conforme Norberto Etges (1995), possibilita que associemos conhecimentos e vivências adquiridos em diferentes trajetórias acadêmicas para propor múltiplas abordagens dos conteúdos escolares, objetivando relacioná-los com as experiências sociais dos alunos. Essa perspectiva de interdisciplinaridade, portanto, refere-se à prática educativa e, no caso aqui analisado, operacionalizamos com o que chamamos de abordagem relacional, ou seja, no desenvolvimento dessa atividade, o ensino-aprendizagem dos conceitos e procedimentos concernentes às disciplinas de História e Português ocorre, simultaneamente, a partir de um conjunto de aulas que desenvolvem a mesma temática.

A temática em questão são “As Grandes Navegações” e a atividade proposta é a produção de um “Diário de Bordo das Caravelas”. Essa atividade se constitui numa modalidade de produção textual que propomos regularmente aos alunos e a qual intitulamos “Exercício de imaginação histórica”. Para esse tipo de exercício, sugerimos a criação de um texto ficcional, com uma narrativa ambientada no período em questão e construída com elementos históricos que caracterizem a sociedade em estudo. Ousaríamos afirmar que provocamos nossos alunos a exercer “uma arte de fazer” (CERTEAU, 1994), narrativizando práticas cotidianas vivenciadas pelos viajantes da era das “Grandes Navegações”.

Estimulamos, assim, a criatividade própria ao texto ficcional, mas essa criatividade é “vigiada”, visto que o autor deve respeitar os limites do contexto ou, em outras palavras, condicionar a narrativa aos conteúdos históricos aprendidos. Em se tratando de diário, há que se respeitarem, ainda, as características

desse gênero que é narrativo, mas que se diferencia das demais narrativas por marcas discursivas próprias.

O nosso objetivo com o presente trabalho é problematizar a instauração da subjetividade determinada pelo caráter, mais ou menos, ficcional/literário configurado na produção dos diários de bordo. Para que o texto alcance essa configuração, discutimos com os alunos aspectos pertinentes à construção de um tipo de narrativa ficcional que, guardadas as proporções, assemelha-se ao romance histórico. Ou seja, os elementos da narrativa – narrador, personagens, enredo, tempo e espaço – devem ser coerentes com os conteúdos históricos estudados; não devem aparecer características da contemporaneidade, tais como gírias, hábitos e costumes, motivações associadas a valores atuais; o conjunto dos personagens deve representar a diversidade dos grupos sociais existentes à época em que se situa a narrativa. Além disso, para garantir o caráter ficcional/literário, os alunos devem atender às orientações da proposta quanto aos seguintes aspectos: construção do narrador em primeira pessoa; desenvolvimento coerente do enredo, evitando contradições e privilegiando a construção consistente do conflito.

Enfim, os principais conteúdos históricos estudados – condições sociais, mentalidade, posições políticas, trabalho, vida cotidiana – devem ser utilizados com criatividade no desenvolvimento da trama. Espera-se, assim, que o texto dos alunos, guardadas as proporções, se aproxime do romance histórico, por ser uma elaboração ficcional resultante de estudos históricos. Mais precisamente, de um trabalho desenvolvido conforme as premissas da micro-história que, segundo Vainfas, “não inventa nada. Apega-se obsessivamente às mínimas evidências que a documentação pode fornecer para dar vida a personagens esquecidos e desvelar enredos e sociedades ocultados pela história geral” (VAINFAS, 2002, p. 103).

Operamos também com o conceito de cotidiano, conforme Le Goff. Considera ele que

[...] a história do cotidiano é uma visão autêntica da história porque representa uma das melhores formas de abordagem da história global, na medida em que atribui a cada actor e a cada elemento da realidade histórica um papel, no funcionamento dos sistemas, que permitem decifrar a realidade. (LE GOFF, 1989, p. 82)

Percorremos esse caminho teórico, tendo em vista a produção do “Diário de bordo das caravelas”, por acreditar que, havendo investimento, podem-se desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas cujos resultados também são diferenciados. Apostamos, conforme Geraldi (1997), que é possível, em vez de produzir textos *para a escola*, produzir textos *na escola*. Isso significa que a produção do aluno deixa de ser uma simples redação

escolar, que se dirige unicamente ao professor – e que tem neste não propriamente um leitor, um interlocutor, mas um avaliador –, para ser um texto em que, tanto quanto possível, o aluno autor trabalha a subjetividade e a criatividade a serviço da construção de sentidos, envolvendo-se com a própria obra que, agora, tem como alvo todos os leitores possíveis. Para se empreender tal proposta é preciso que se adote a perspectiva de que

[...] na produção de discursos, o sujeito articula, aqui e agora, um ponto de vista sobre o mundo que, vinculado a uma certa formação discursiva, dela não é decorrência mecânica, seu trabalho sendo mais do que mera reprodução: se fosse apenas isso, os discursos seriam sempre idênticos, independentemente de quem e para quem resultam. (GERALDI, 1997, p. 136)

Assim como o autor referenciado, defendemos que o sujeito, para se constituir como tal, não precisa

[...] *criar* o novo. A novidade, que pode estar no reaparecimento de velhas formas e de velhos conteúdos, é precisamente o fato de o sujeito *comprometer-se* com sua palavra e de sua *articulação* individual com a formação discursiva de que faz parte, mesmo quando dela não está consciente. (GERALDI, 1997, p. 136)

### **A construção dos conhecimentos lingüísticos e históricos**

Durante dois meses, enquanto a professora de História trabalha com o conteúdo das “Grandes Navegações”, eu trabalho com o estudo do gênero diário. Desde o início, informamos aos alunos que eles estão sendo preparados para a produção de um diário de bordo que represente o cotidiano de uma caravela.

Para as aulas de História, o material básico é o capítulo “Caravelas ao mar”, do livro didático *História: cotidiano e mentalidades* (DREGUER, 2000). Esse capítulo é complementado com uma variedade de materiais didáticos encontrados em diversos livros que tratam dessa temática. São textos historiográficos, documentos escritos e iconográficos trabalhados por Amado e Figueiredo (1999a, 1999b, 2000), Cabrini, Montellato e Catelli (2004), Mota (2005), Mello (2006), Rodrigue (2002), além do filme didático “A era das explorações”, que permite retomar a mentalidade européia medieval estudada anteriormente. O estudo do texto “Entre duas mentalidades” (DREGUER, 2000) permite a reflexão sobre a coexistência das mentalidades medieval e moderna à medida que vai se instaurando o Renascimento.

O período das “Grandes Navegações” é situado no tempo e no espaço; estabelece-se a relação passado-presente, discutindo-se a aventura das navegações e propondo aos alunos a seguinte questão: quais os significados que vocês conhecem para o verbo “navegar”? Nesse momento, a professora faz referência às narrativas de viagens que estão sendo lidas nas aulas de Português. O conteúdo histórico prossegue com o estudo do processo da

formação do Estado português e espanhol, relacionado à criação das condições para a realização das “Grandes Navegações”; do Renascimento; da caracterização da situação social dos “nobres”, “reis”, burgueses” e “marinheiros” em Portugal, em relação ao papel que desempenharam na realização das “Grandes Navegações”.

Em seguida, trabalham-se a cartografia da época das “Grandes Navegações” e o processo de expansão comercial e marítima da Europa, no século XV. Focalizam-se as viagens de Colombo e de Cabral e, por fim, analisam-se a hierarquia e o cotidiano das caravelas. Para o conhecimento do cotidiano das caravelas, Amado e Figueiredo (2000) contribuem muito, ao apresentar uma caravela, exterior e interiormente, relacionando os personagens – a tripulação –, seus hábitos e suas práticas aos espaços, equipamentos, suprimentos e a seus postos na hierarquia da caravela. Esse material permite que o aluno se inteire acerca do cotidiano da caravela: disciplina rigorosa, trabalho pesado e constante, práticas religiosas e de lazer, condições de higiene e de alimentação, tipos de vestimentas, convivência entre vários idiomas, imaginário exaltado por diversas superstições, perigo de naufrágios e de ataques de navios inimigos, ameaça de doenças.

Concomitantemente, nas aulas de Português, dedico-me a trabalhar com os alunos a leitura do conto “Manuscrito encontrado numa garrafa”, de Edgar Allan Poe, para introduzir a temática das viagens marítimas e trabalhar as marcas textuais do gênero narrativo e do gênero diário. A leitura desse conto é um momento privilegiado, pois o discurso literário – e o de Poe por excelência – respeitado em suas características, promove a fruição do ficcional em seu nível mais elevado de sofisticação, pois que a literatura “se sobrepõe ao momento histórico, exerce um fascínio permanente. Supera os condicionamentos histórico-sociais da linguagem e permanece, porque nela existe uma verdade eterna (eterna, pois em seus contornos flexíveis e variados mostra-se capaz de atualizar-se constantemente)” (BRANDÃO; MICHELETTI, 2001, p. 23).

Em seguida, passamos para a leitura de diários de navegadores do presente e do passado, para um cotejamento do cotidiano de navegadores de diferentes épocas. Primeiro, trechos do diário de Amyr Klink (KLINK, 2000), e, depois, trechos do diário de Cristóvão Colombo (COLOMBO, 1998). Enriquecendo essas leituras, proponho aos alunos analisar mapas, que mostram o roteiro das viagens desses navegadores, e relacionar essas atividades ao trabalho que está sendo desenvolvido pela professora de História.

Desta forma, vão se configurando as diferentes possibilidades de construção narrativa do gênero diário; as marcas textuais características desse gênero, relacionadas ao relato de viagem; a

relação passado-presente, a partir da temática da aventura nas viagens marítimas; a incorporação do conceito de documento histórico na análise dos diários de viagem; o cotidiano das viagens, com destaque para as condições dos equipamentos náuticos, alimentação, relações estabelecidas entre os tripulantes e sentimentos dos navegadores.

Finalmente, retomando os conteúdos trabalhados nas duas disciplinas, de forma a incorporá-los numa mesma produção, apresentamos aos alunos a seguinte proposta para elaboração do diário de bordo:

### **Exercício de Imaginação Histórica: produção de um Diário de Bordo**

Você está sendo convidado a realizar um exercício de imaginação histórica: produzir um diário de bordo para narrar o cotidiano de uma caravela, durante uma das viagens das Grandes Navegações. A trama da sua narrativa deve abordar os conhecimentos históricos discutidos nas aulas de História e seu texto deve ser escrito a partir das características do gênero “diário” estudado nas aulas de Português.

Atenção para alguns elementos que vão orientar sua criação literária:

- Escolha uma das viagens realizadas pelos portugueses ou espanhóis durante as Grandes Navegações e contemple a rota dessa viagem na sua narrativa: local da partida, objetivos da viagem, principais pontos visitados durante a viagem, chegada ao destino, retorno ao ponto de partida. Importante: para destacar o caráter ficcional da sua narrativa, você pode criar episódios que modifiquem a viagem que serviu para inspirar a sua narrativa.

- Elabore um mapa para representar a viagem, destacando os principais momentos narrados no diário. Atenção: não copie mapas atuais, pois você deve reproduzir as condições que seu personagem tinha para construir um mapa.

- Produza seu diário, usando as marcas lingüísticas da primeira pessoa: eu, meu/minha, me/mim etc.

- Estabeleça adequadamente o jogo entre os tempos verbais: o diário é uma narrativa que mistura o momento da escrita com fatos recentemente passados. Portanto, presente e passado são tempos verbais que devem marcar sua narrativa.

- Na construção da narrativa, você deve assumir o papel de um dos personagens na hierarquia da tripulação das caravelas e ser coerente com suas condições de vida, destacando as relações estabelecidas com os outros membros da tripulação.

- Você será avaliado tanto pela sua criatividade, quanto pela

sua capacidade de utilizar os conhecimentos históricos (imaginário dos viajantes, objetivos das viagens, instrumentos náuticos utilizados, cotidiano a bordo – trabalho, alimentação, diversão, higiene, doenças, vestimentas, religião, superstições etc.).

- Ilustre seu diário.

A proposta é lida e discutida com os alunos, para que as dúvidas sejam esclarecidas e para ressaltar a importância de se trabalhar a linguagem, nessa produção, de tal forma a conferir-lhe o caráter ficcional e literário. Não temos, com isso, a pretensão de fazer com que nossos alunos se transformem em escritores literários. Contudo, acreditamos que, se na produção de leitura,

[...] o discurso artístico implica, além da comunicação, um elevado grau de expressividade, um eu que se expõe e se dirige a um outro buscando uma resposta e que a literatura cria a partir da realidade, da experiência de um eu, um objeto verbal, visando dialogar com o espírito e a emoção do outro. (BRANDÃO; MICHELETTI, 2001, p. 23)

não podemos privar nossos alunos de experienciarem vivência semelhante, num momento privilegiado de exercício da subjetividade, no processo de produção de escrita.

### **Critérios para análise**

Conforme afirmei anteriormente, trabalhamos com essa proposta durante quatro anos, em cada ano, com duas turmas diferentes, portanto com oito turmas de 7º ano do Ensino Fundamental. Cada uma dessas turmas é composta por trinta alunos, às vezes menos, quando há transferência ou desistência. Esse trabalho é bastante envolvente, desperta muito o interesse dos alunos em executá-lo, por isso conseguimos que 75% deles fizessem seus diários de bordo, que estão preservados em arquivo pessoal.

Para proceder à análise dos diários, dividimos o conjunto da produção em três grupos, com base nos seguintes critérios:

**1º Grupo:** aquele em que os alunos demonstram ter apreendido o conhecimento lingüístico acerca do gênero “diário” e o conhecimento histórico relativo ao período das “Grandes Navegações”, ao engendrar uma trama em que os personagens se enredam em conflitos e aventuras coerentes com a visão de mundo e com o imaginário europeu do século XV, e em que o cotidiano das caravelas está bem configurado e verossímil. Nesse grupo, portanto, se encontram os textos em que os autores atendem ao que foi proposto, extrapolando a simples reprodução do conhecimento, para usá-lo a serviço de um projeto estético de texto, exercitando a subjetividade.

**2º Grupo:** aquele em que os alunos também demonstram ter apreendido os conhecimentos lingüístico e histórico, atendem em parte a proposta, mas não ultrapassam muito a mera repetição do que leram no material de história. E se, em vários textos desse grupo, o cotidiano das caravelas fica bem caracterizado, a trama engendrada é mais um arremedo em que as aventuras e os conflitos não têm a consistência própria de uma narrativa de ficção. Nesse grupo, há textos em que as marcas do gênero diário estão bem definidas e o conteúdo histórico bem demonstrado. Isso, no entanto, não é utilizado a serviço de um projeto estético de texto.

**3º Grupo:** aquele em que os alunos demonstram ter apreendido pouco, tanto do conhecimento lingüístico quanto do histórico, além de demonstrarem que não consideraram o roteiro proposto para a elaboração do diário. Nesse grupo se encontram textos puramente narrativos, sem qualquer marca lingüística que possa caracterizá-los como diário. Por outro lado, há textos com marcas desse gênero, mas nos quais o conteúdo histórico não se apresenta, ou se apresenta incoerente, desconexo e fragmentado. O agenciamento dos conteúdos trabalhados para a composição ficcional é quase inexistente, configurando-se o texto num relato ou num arrolamento de informações mal costuradas.

Para efeito da análise que nos propomos a fazer de algumas dessas produções, consideraremos a categoria “subjetividade” em relação ao investimento do autor para conferir a seu texto características que o aproximem o máximo possível de uma narrativa de ficção, ou – e por que não? – de uma narrativa literária. Sendo assim, nos textos do 1º Grupo é que se encontra essa subjetividade em nível bastante elevado. Nos textos do 2º Grupo, ela diminui sensivelmente. E nos textos do 3º Grupo, ela só não é inexistente porque, de alguma forma, há um texto em que o autor, apesar de tentar tangenciar a literariedade, não logrou êxito.

O quadro a seguir apresenta uma distribuição quantitativa desses textos nos três grupos já discriminados:

	Quantidade de textos	Porcentagem
1º Grupo	25	14%
2º Grupo	88	49%
3º Grupo	67	37%
Total	180	100%

*Tabela 1 – Diários de bordo: exercício de ficção e subjetividade*

Dada a extensão deste trabalho, selecionamos apenas três diários, um de cada grupo, para serem analisados. Não

pretendemos, ao fazer essa análise, simplesmente categorizar e valorar esses textos quanto ao investimento subjetivo dos autores. Muito mais importante que isso, e que talvez faça diferença para a prática da produção de escrita escolar, é refletir sobre a efetiva possibilidade de se *produzir textos na escola* (GERALDI, 1997), considerando os resultados alcançados com a elaboração dos diários de bordo.

A identidade dos alunos, autores dos textos que ora analisaremos, será preservada por meio do uso de nomes fictícios. Iniciamos com o diário de Pedro. A narrativa dura um mês e vinte e quatro dias – de 1º janeiro a 24 de fevereiro de 1530. O diário tem 39 páginas e 31 ilustrações, que são desenhos feitos pelo próprio autor. Quem escreve o diário é o capitão da expedição, *Marcelo Marcelowann Benz*, sinônimo de *coragem!* Segundo ele, essa viagem, financiada pela Coroa Portuguesa, tem como objetivo comemorar os 30 anos da descoberta de Pedro Álvares Cabral, de quem se declara admirador. A expedição fará novamente a rota percorrida por Cabral, mas dessa vez só até o Brasil: uma rota em “S”, saindo de Portugal com destino a Porto Seguro.

Para a marcação da passagem do tempo, o autor cria uma outra nomenclatura para os meses do ano e dias da semana, por exemplo, *Ranier* para janeiro, *Febriere* para fevereiro, *Berambre* para dezembro; *Magun* para segunda-feira, *Sainon* para sábado, *Godssis* para domingo. Esse dado é bastante relevante, pois ao criar essa notação, o autor conduz o leitor a um outro tempo, um tempo passado, tão passado – afinal, a aventura aconteceu há cinco séculos – que até o calendário era diferente. Esse expediente, bastante criativo, confere uma atmosfera peculiar ao diário, situando o leitor num cotidiano que não é o contemporâneo. Além disso, atesta o conhecimento que o autor tem de que o calendário não foi sempre o que nós conhecemos.

Pedro, o autor desse diário, produziu um texto condicionado por restrições lingüísticas e históricas bastante delimitadas, mas seu exercício de criação confirma a idéia de Possenti quanto ao fato de que se é verdade que o falante ou o escritor não está livre das regras lingüísticas, é verdade também que as regras lingüísticas lhe permitem, pelo menos aspirações, representações e rupturas de regras, “lugares onde a subjetividade se manifesta como não necessariamente assujeitada, mas sim ativa” (POSSENTI, 2001, p. 274).

Em relação ao conteúdo histórico, Pedro soube muito bem representá-lo na tessitura narrativa, não apenas demonstrando tê-lo apreendido, mas, sobretudo, agenciando-o para a composição de um personagem, o capitão Marcelo, e para a instauração de certo tom de incerteza quanto à segurança da aventura que ele começa a viver. É o que se observa na seguinte passagem:

Portugal, 2 Ranier, 1530.

Faltam duas horas para a viagem começar. [...] O Padre já chegou e já arrumou o lugarzinho para as Missas e estava rezando. O piloto 47 chegou e começou a estudar o mapa da rota, que copiei do verdadeiro mapa de Cabral.[...] Mas o piloto que nunca tinha ouvido falar sobre Pedro Álvares Cabral [...] entendeu um pouco sobre o caminho da viagem. [...] Tudo checado e tudo prontinho. E finalmente saímos do porto de Portugal. Ah, diário, foi pura emoção...

Já é tarde, diário, mas o vento nada colabora. Quer dizer: nem vento tem. Estamos no caminho certo, bem que o piloto sabe usar aqueles instrumentos doidos de navegação que só ele conhece: quadrante, que ele disse que é, hum... Ah! Ele serve para ver onde estávamos, observando as estrelas; astro... astrolábio, que servia para...calcular distâncias entre a... esqueci! O velocímetro, que só sei que tem algo a ver com velocidade e a bússola, que serve para traçar rotas de “não sei o que pra não sei o que.” O piloto 47 (apelido, mas o nome verdadeiro dele era Petrúcio Somalle Cabruce) me explicou o que era, mas é bem difícil de lembrar.<sup>1</sup>

Atente-se para o personagem narrador: é o capitão, o responsável por essa expedição. No entanto, ele não consegue o mapa original da rota da viagem e tem que copiá-lo. Além disso, não domina o conhecimento dos instrumentos de navegação imprescindíveis a uma aventura como essa; e mesmo depois de receber explicações do piloto, não consegue se lembrar muito bem.

Conforme os estudos históricos que foram realizados com esses alunos, sobre esse período, constata-se que o que movia os homens a se lançarem ao “Mar Tenebroso” era realmente um grande espírito aventureiro, o anseio pela fortuna e pela fama. Outro elemento que os movia era a fé e a crença de que o mundo deveria ser cristianizado, por isso, entre outras razões, a presença indispensável do padre. A fé os movia e os sustentava em seus medos e incertezas quanto ao que iriam encontrar pela frente. Não eram segurança e certeza que alimentavam a coragem desses exploradores. Daí o sentimento exaltado do capitão Marcelo Marcelowan Benz com a expectativa da aventura – “foi pura emoção” – sem se demonstrar, contudo, preparado para ela.

Pode-se dizer que a organização enunciativa, configurada no texto de Pedro, é trabalhada a partir dos três elementos pertinentes à língua, postulados por Bakhtin (1997). O *conteúdo temático*, o *estilo* e a *construção composicional*, trabalhados pelo aluno autor, fundiram-se no todo do enunciado, caracterizando-o como um tipo relativamente estável que classificamos como o gênero diário. Nem mesmo o equívoco no uso dos tempos verbais – “estávamos”, “servia” e “era” – compromete a configuração do diário, especialmente, se considerarmos que tal ocorrência se deu nas primeiras páginas do texto, demonstrando apenas que

<sup>1</sup> Os textos dos alunos foram transcritos conforme os originais, sem qualquer interferência das professoras.

o aluno está se apropriando da complexidade que é estabelecer o jogo dos tempos verbais nesse gênero textual.

O cotidiano da caravela é muito bem trabalhado nesse diário. Ele vai se apresentando num ritmo lento como se o autor quisesse reproduzir o ritmo da viagem, interrompida ora pela ausência de vento ora por um banco de areia em que a embarcação fica encalhada:

Dentro da caravela, 3 de Ranier de 1530.

A tripulação já começava a ficar com fome. Os marinheiros, aprendizes e mestres já reclamavam da péssima condição que estavam alguns alimentos e a situação do local onde dormiam. Hoje é Sainon. Amanhã é o dia da Missa e o Padre Luiz já estava preparando-a. Temos que ter muita fé para enfrentarmos essa viagem e as dificuldades diárias.

Dentro da caravela (para ser mais preciso dentro do espaço da Missa) 4 Ranier de 1530.

Hi! Acho que a caravela parou de novo. Tenho que ir lá ver o que é. Nem acredito, diário. Parou de ventar. Acho que só navegamos uns 100 metros depois da última parada de vento. A tripulação só reclama. Não posso fazer nada. O vento é que sabe. Acho que ele hoje está de mau-humor.

[...]

Dentro da caravela, 6 de Ranier de 1530.

Agora os marinheiros reclamavam do banheiro. Olha o zum-zum-zum! Eles falavam que estavam contraindo doenças graves e eu sabia disso, daí tive que achar outra coisa para servir para eles fazerem suas necessidades, mas não encontrei “neca” de nada. AH! diário, estou a dias sem tomar banho e já estou enjoando de jogar cartas.

Dentro da caravela, 7 de Ranier de 1530.

Estamos continuando nossa bela viagem. Por enquanto não houve nenhum encalhe. Espero que... Opa! AH! Era bom demais para ser verdade! Parece que acabei de encalhar novamente. E desta vez parece ser um banco de areia.

Fora da caravela, sentado na areia, 8 de Ranier de 1530.

Estou aqui bolando um plano para conseguir tirar a caravela desse banco. O piloto como sabe muita coisa sobre o assunto “oceano e companhia” elaborou um mapinha com os comandos para desencalharmos a caravela.

Dentro da caravela, 24 de Ranier de 1530.

AH! diário, mas as doenças estão correndo soltas por aqui. É uma doença cá, é outra lá, são mortes aqui, mortes ali, oh! E

eu acho que tem barata aqui na minha cabine. À noite, sinto que estou sendo observado...

Dentro da caravela, 4 de Febriere de 1530.

Não é possível, diário. Esse rato não dá sossego. 3 pessoas já morreram envenenadas pela urina deles! Como pode? Tem que haver algum jeito de acabar com essas pestes! Já não bastavam as baratas e agora ratos!

Antes de qualquer outro aspecto, é preciso ressaltar que, neste texto, há um trabalho deliberado do autor com a pontuação – o trecho transcrito demonstra-o muito bem. Ela é determinante na produção de efeitos e sentidos, caracterizando comportamentos e sentimentos variados do narrador: emoções, indignação, insatisfação, tédio, raiva. Assim como a pontuação, as interjeições auxiliam na produção desses efeitos.

Nessas passagens vêm-se algumas dificuldades vividas pelos conquistadores do século XV. Pedro, o autor, mostra com bastante propriedade que, durante as viagens, eles suportavam péssimas condições de higiene tanto com o corpo quanto com a alimentação; conviviam com baratas e ratos; contraíam várias doenças, em decorrência das quais muitos morriam; não tinham recursos tecnológicos para escapar à ausência de vento e aos bancos de areia. Restava-lhes o apego à fé e o jogo de cartas para distrair. Apesar de aqui se encontrarem apenas fragmentos da narrativa, percebe-se que as representações da hierarquia e do cotidiano não são “artificiais”. Elas compõem a trama dessa aventura no fluxo da narrativa.

Alguns recursos estilísticos presentes no diário de Pedro reforçam a categoria “subjetividade”, que nos propomos a investigar, de modo muito especial. Um desses recursos é a presença de poemas, escritos pelo capitão Marcelo Marcelowan, em momentos em que ele se serve da evasão para suportar as adversidades, como se vê na seguinte passagem:

AH! diário, o bom de ficar parado é observar a lua. Mas é linda a lua! Mas estou com medo do monstro. O mais lindo é a lua, ah, lua... Você está tão linda hoje... Já percebeu, diário, apenas nestas horas que pensamos na vida... Veja um poeminha que fiz para ela:

Lua  
 Lua,  
 Você é tão linda...  
 Lua redonda,  
 Tão querida...  
 Ao olhar pra ti,  
 Lembro-me da vida  
 Vitórias e derrotas  
 Com a mente tão caída  
 Mente pensando e ao mesmo tempo mente pensando em

nada...  
Lhe ver, Lua, é algo muito bom de fazer...  
Isso é que é vida!

Ou nesta outra, quando ele está às voltas com o problema dos ratos e ironiza a situação:

Veja uma linda poesia que fiz para as ratas e ratos:

*Rata danada*  
*Atenção redobrada*  
*Trakinagem sempre faz,*  
*A rata danada!*

*Rato danado*  
*Biscoito estragado*  
*Bota roída*  
*Rabo caído*  
*Dentes terríveis*  
*Medo de gato*  
*Cinza ou branco*  
*Já já eu o mato*  
*Seu rato danado!*

Um outro recurso estilístico que instaura a subjetividade é a referência que o capitão faz a certos incidentes que ocorrem na relação dele com o diário que, desde o início pode-se perceber, é o seu interlocutor imaginário, o mais fiel amigo e confidente. O leitor desse texto percebe que, só com seu diário, o narrador se expõe, desabafa, partilha dúvidas e medos. A primeira passagem em que isso acontece é no início da narrativa, antes de a viagem começar:

AH!... Essa é a primeira vez que escrevo um diário de bordo, diário. E quero me desculpar, diário, por escrever nessas folhas sujas e queimadas. Quer saber? Eu, sinceramente, morro de medo de barata, aquele bichinho nojento. Daí, depois de comprar as folhas, resolvi lanchar um pouquinho e levei as folhas comigo. Ao acender as velas, dei de cara com uma barata e com medo deixei-as cair e daí queimou as bordas e danificou as folhas.

E, realmente, o diário é todo escrito nessas folhas danificadas, com as bordas queimadas. Na segunda passagem, o texto e uma ilustração aparecem borrados, salpicados com uma tinta de cor semelhante ao vinho tinto: “Estou aqui na minha cabine e acabei derramando um pouco de vinho quando bebia em você, diário. Me desculpa, ta? Sou desastroso assim mesmo. (Desculpa, espirrei!)”.

Um terceiro recurso estilístico é representar na grafia determinadas situações vivenciadas pelo personagem narrador. Numa dessas situações, o capitão havia bebido além da conta e se põe a escrever. As letras se deformam, as frases não seguem

as linhas e aparecem dispersas pela página. Em outra situação, já chegando ao final trágico da viagem, encontra-se a seguinte passagem, em letras trêmulas e mal traçadas:

Dentro do meu banheiro, 26 de 1530.

Socorro diário! Há piratas aqui! Estou com medo! Eles podem me pegar a qualquer momen\_\_\_\_\_.....

Segundo Possenti, “o estilo gera mensagens estéticas, isto é, [...] a forma escolhida pelo escritor reforça ou redobra o sentido do que está expresso no texto”, e, além disso, a “existência do estilo em qualquer linguagem decorre do fato trivial de que nenhuma linguagem é o que é por natureza, mas sim como resultado do trabalho de seus construtores/usuários” (POSSENTI, 2001, p. 200, 228). Sem dúvida, esse é o trabalho que Pedro, o autor desse diário, executou: trabalhou a linguagem para produzir efeitos de sentido. Sobretudo, esse trabalho com a grafia enriquece a caracterização do diário, pois como que efetiva a simultaneidade entre as experiências vivenciadas pelo narrador e o momento da sua escrita.

Um personagem especial nessa narrativa – e não há como não considerá-lo um personagem, dada a sua construção – é o papagaio de estimação do capitão Marcelo Marcelowan. Ele é, inicialmente, descrito com o entusiasmo próprio de quem gosta de animais: “ele é lindo!” Durante a viagem, o narrador, ironizando, refere-se ao comportamento dele como o de um papagaio qualquer: “Quando está com fome é fácil perceber: ele começa a bicar minha cabeça.”, “Perguntei pro meu papagaio onde ele tinha achado isso, ele me respondeu: ‘Onde você achou isso?’ Papagaio lerdo!”

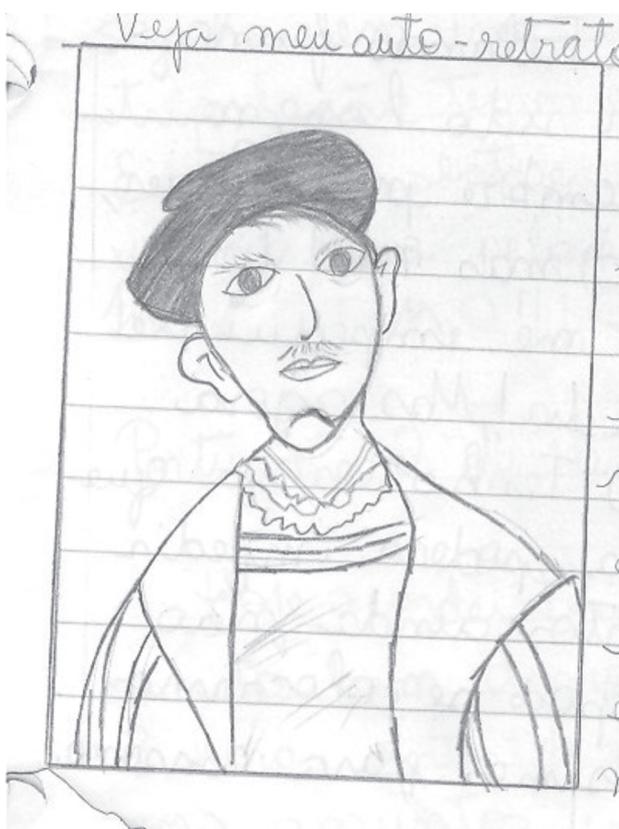
Mas, ao final do diário, como sempre acontece com narrativas bem construídas, o leitor do diário do capitão Marcelo Marcelowan se surpreende. Não fosse o papagaio e toda essa história estaria perdida, como se pode constatar no último parágrafo do texto, escrito numa letra com traçado um pouco diferente da anterior:

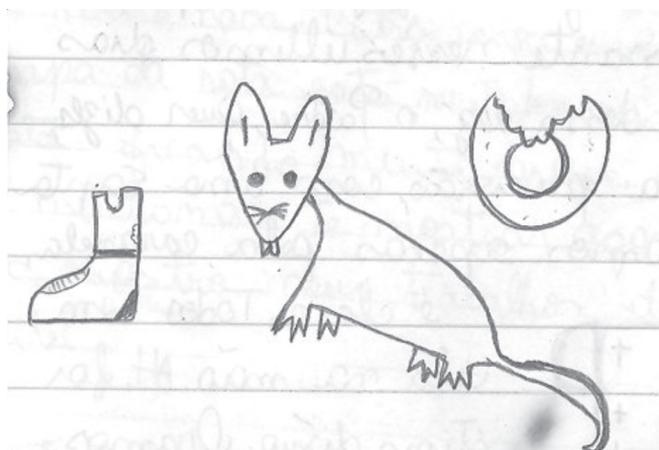
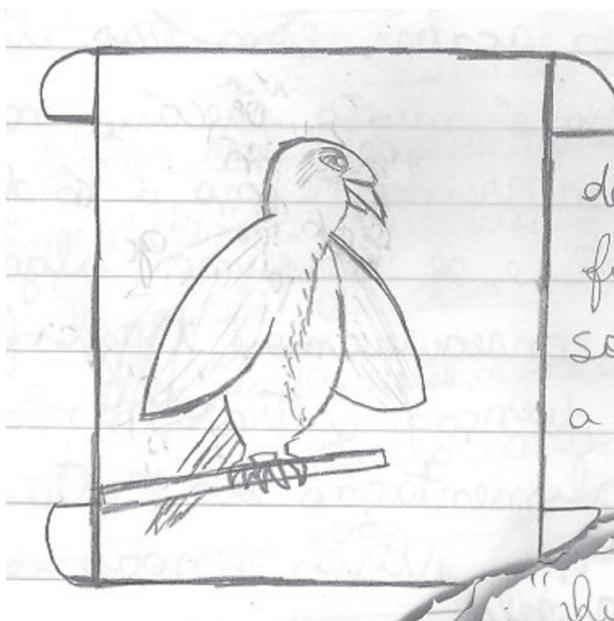
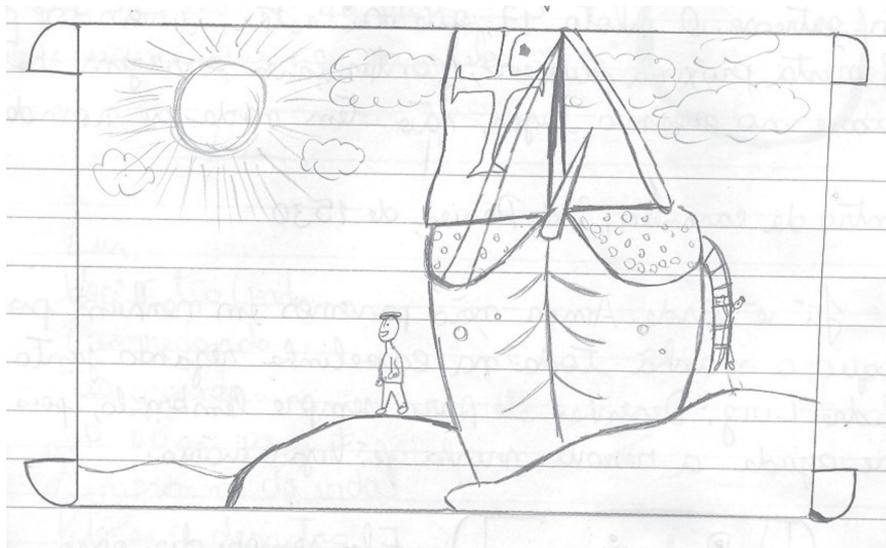
... Bom, você já deve saber o que aconteceu, coitados... Morreram todos, menos o Padre, por ser conhecido deles [dos piratas]. Marcelo era uma pessoa tão boa, e morreu de uma forma tão cruel. O rasgado aí em cima, eu sei por que aconteceu. Quando corria para fugir dos piratas, o rasgou. Antes dos piratas tacerem fogo na caravela, peguei o restante do diário de Marcelo e saí voando de lá. Como havia uma ilha lá perto, aquela ilha que Marcelo havia adorado (que ficava a alguns dias de onde estou), voei até ela. Lá tinha tudo o que eu precisava. Vou sentir muita falta dele. A vida é assim mesmo. Já arrumei todo o diário em seqüência. Estou aqui nessa ilha até hoje. E não se admire em eu saber escrever. Sou o papagaio do Marcelo. Felizmente eu sobrevivi. “Graças a Deus” como dizia ele. Ah,

saudades... Lendo seu diário eu as mato. Cruéis piratas...

Esse final surpreendente é um índice de que, exercendo a função autor (FOUCAULT, 1992), Pedro agencia feixes de enunciados que se encontram dispersos pelos discursos a que se acha submetido, construindo determinados sentidos em sua narrativa. Se, por um lado, o seu discurso não é original, porque atravessado por tantos outros (FOUCAULT, 2004), a maneira como relaciona esses enunciados confere algo de original à sua composição discursiva, o que nos permite caracterizá-la como subjetiva e, por que não, literária.

As ilustrações desse diário merecem uma atenção especial. Como afirmamos anteriormente, são 31 num texto de 39 páginas. Elas mais que ilustram, porque estão de tal forma imbricadas ao texto que são imprescindíveis para a construção de sentidos, durante a leitura. Isto se dá porque o narrador sempre remete o leitor a elas, usando frases como “Veja o meu auto-retrato”; “Parecia mais ou menos assim. Eu estava desenhando por um ângulo terrível” (a caravela encalhada); “é um papagaio verde, com partes meio amarelas. Pena que não dá para colorir”. Apresentaremos quatro delas: 1) o auto-retrato do capitão Marcelo Marcelowam Benz; 2) a caravela encalhada no banco de areia; 3) o papagaio; 4) o rato que roeu o biscoito e a bota.





Na verdade, só quem tem o diário de bordo de Pedro – ou do capitão Marcelo Marcelowan Benz? – nas mãos pode interagir com os múltiplos sentidos nele instaurados. Nesse caso específico, cabem muito apropriadamente as considerações de Chartier a respeito dos suportes da leitura. Uma delas é que “Uma realidade textual não deve ser entendida unicamente em sua dimensão literária, pois também se arraiga profundamente em sua realidade material, que é a forma do livro em que se abarca o texto” (CHARTIER, 2001, p. 43). Assim é que, nesse diário, o objeto suporte da escrita – e da leitura – e o conteúdo se associam numa relação de interdependência e atuam um sobre os sentidos do outro.

Há muitos outros aspectos e detalhes no trabalho de Pedro que podem ser observados e analisados. Um que não pode deixar de ser comentado é o de se misturar as histórias de vida do autor e do personagem. É o que acontece em passagens em que o personagem narrador fala de sua gulodice – “Como sabe, sou guloso.”; “Só me resta comer, comer, comer...”. Por informações do próprio Pedro, sabemos que ele gosta de comer muito e sofre sempre que exagera, porque carrega complicações gastrointestinais que teve quando nasceu. O autor, portanto, se projeta no personagem. Tais detalhes comprovam que esse é o tipo de texto em que o leitor, a cada leitura, descobre novas nuances de sentido e, mais, percebe que o autor, ao produzir sua obra, divertiu-se com ela. Escrever tornou-se uma atividade que, para Pedro, não se restringe às solicitações da escola. Um conto que ele inscreveu no “Concurso SESI Arte e Criatividade 2008”, promovido pelo SESI – Goiás, ganhou o primeiro lugar na categoria de narrativa curta.

Mas passemos à análise dos outros dois diários. O diário de Caio, “A vida de um grumete”, tem cinco páginas e uma ilustração – o mapa com a rota da viagem. O texto começa com dois parágrafos introdutórios, em que as vozes do autor e do personagem narrador se misturam: no primeiro parágrafo, escrito em terceira pessoa, há uma explicação sobre o que são os grumetes e suas funções numa caravela. No segundo, escrito em primeira pessoa, o narrador se apresenta:

Meu nome é Dom Ruan III. Hoje completo 10 anos e de presente ganhei de meu pai marinheiro a permissão de acompanhá-lo em uma expedição marítima pelo oceano Atlântico. com objetivo de chegar ao Oeste litorâneo da África.

A partir daí, o texto se configura como diário, apesar de o autor marcar a passagem do tempo de maneira um pouco confusa. Ele começa, marcando “1º dia”, “2º dia”, “20 dias depois”. Esses 20 dias depois são em relação ao 1º dia. Na seqüência, aparece a marcação “4 meses depois”, também em relação à saída. Em seguida, tem-se “2 meses depois”, evidentemente, não mais em

relação à saída, mas em relação ao dia em que se completaram os quatro meses da saída. A marcação da passagem do tempo passa, então, a ser em relação ao dia em que o narrador escreve no diário. O leitor, para saber quanto tempo dura essa expedição, tem de descobrir esse jogo.

Por falar em jogo, o narrador opera de forma razoável com os tempos verbais. No início da narrativa, o tempo presente está bem marcado, como se vê no trecho:

Estou curioso para conhecer cada detalhe e cada compartimento que havia ali.

Que susto! Quando me deparei com uma fila de marinheiros fortes que puxam a quela enorme ancora.

Me chamam para ver soltar as velas que parecem muito pesadas.

Sinto o barco mecher eu corri para perto do meu pai e ele me perguntou dando gargalhadas:

- O que foi?

E eu respondi:

- Estou um pouco tonto.

O jogo com os tempos verbais fica comprometido a partir, mais ou menos, do meio da narrativa, quando passa a predominar o tempo passado, ficando a marca do gênero diário definida apenas pelas notações “4 meses depois”, “2 meses depois” – que dividem o texto. É o que se observa em passagens como essa:

A comida já estava escassa, e cheia de baratas e fungos e bolores. Agora todos nós tínhamos que repartir a comida, pessoas tinham febre, falta de nutrientes. Parecia o fim do mundo, e para acabar, ao capitão anunciar que estávamos um pouco perto do Cabo da Boa Esperança, pegamos uma tremenda de uma tempestade que desviou nós da rota. Era muita chuva, grandes ondas e fortes ventos mais após alguns dias voltamos a nossa rota.

Nessa passagem, constata-se também que o autor, em um pequeno parágrafo, relaciona vários conhecimentos apreendidos do conteúdo histórico estudado – escassez de comida, falta de higiene, convivência com insetos, doenças, causas das doenças, tempestades e dificuldades de permanecer na rota – mas o faz como demonstração do que conseguiu apreender. O fato de, em tão poucas linhas, de forma tão resumida, ele tratar de tantos aspectos, denota que não houve a utilização desses conhecimentos a serviço de um projeto estético de uma narrativa ficcional.

Não se pode negar que o leitor possa depreender, de uma passagem como essa, como era o cotidiano das caravelas. Contudo, esse é um texto que se caracteriza como um relato, em que não se agenciam os conhecimentos apreendidos para construir personagens complexos, para enredá-los em aventuras e conflitos, enfim, para engendrar uma trama narrativa envolvente. Essa é uma produção em que não há um investimento efetivo

na criatividade; o que se vê é a reprodução dos conhecimentos apreendidos.

Talvez o maior investimento de Caio tenha sido na forma de apresentação do diário, ou seja, na criação do suporte para a escrita (CHARTIER, 2001). Quanto a esse aspecto, houve a tentativa de se representar um objeto com características envelhecidas, um papel enfumaçado, com as bordas chamuscadas, como a indicar que o diário fora escrito à luz de velas ou qualquer outra iluminação feita por fogo. No entanto, o suporte da escrita não é suficiente para conferir-lhe o que definimos, neste trabalho, como “subjetividade”, categoria que nos propusemos a observar nesses diários de bordo. Pode-se dizer, por mais que se perceba algum envolvimento do autor, que o texto de Caio se caracteriza como texto que se produz para a escola (GERALDI, 1997).

O texto escolhido como exemplo do que definimos por “3º Grupo” é o de Nélio. Tem nove páginas, três delas são ilustrações. Na verdade, não o chamamos “diário”, porque não se organiza como tal. O aluno desconsiderou as orientações referentes à produção de um diário. Portanto não se pode afirmar que ele tenha apreendido os conhecimentos lingüísticos sobre esse gênero de discurso. É uma narrativa que começa em primeira pessoa, enquanto o narrador se apresenta, mas que em seguida, por três páginas e meia, passa para terceira pessoa, pois o narrador se põe a narrar a história de um outro navegador, capitão da expedição em que ele viajava como piloto. Só no final da quarta página é que o texto assume novamente a primeira pessoa, pois com a morte do outro viajante, o narrador passa a contar a sua história, agora, como o capitão da caravela:

Sou um navegador viajante solitário, as vezes sou piloto de grandes hierarquias com princesas, rainhas e imperadores. [...] Em 1525, o navegador Odinir Paes Povoá, resolveu desafiar a si próprio, descobrindo por ele só uma terra nunca descoberta por ninguém, [...]. 34 tripulantes morreram, entre eles estava o capitão Odinir Paes Povoá. Com isso seu fiel piloto, ou seja “eu” me tornei capitão de toda a Hierarquia.

Com relação aos conhecimentos históricos, o aluno situa a narrativa na época correta: sua expedição parte de Portugal no ano de 1525. Há também referência ao fato de que tais expedições eram financiadas pelos reis de Portugal ou de Espanha, com o objetivo de buscar riquezas e colonizar novas terras. Contudo, a narrativa de Nélio se prende aos momentos marcantes da viagem: chegada a alguma ilha, ataques de navios piratas, ocorrência de tempestades, descoberta de grandes tesouros. O cotidiano da caravela não é representado:

Foi muito difícil ser capitão devido as grandes tempestades que minha tripulação enfrentou. Chegando a ilha de Vera Cruz minha tripulação foi bem recebida. [...] Contornando o cabo da Boa Esperança fomos rumo as Índias mas encontra-

mos uma ilha que tinha muito ouro, daí eu a batizei se Ilha de São Lourenço.

Nesse caso, consideramos que o texto não atende ao que foi proposto e, ainda que demonstre ter apreendido alguns conhecimentos, o aluno apenas os reproduz, às vezes de forma equivocada como se pode perceber quando se refere à hierarquia, sem recriá-los na construção de sua trama narrativa. Quanto às ilustrações, elas mantêm pouca coesão com o texto; uma se encontra na página de rosto e se assemelha a um mapa, as duas outras aparecem nas páginas finais: são os desenhos de uma caravela e de uma ilha. Dada a pouca relação com a narrativa, a sensação que tem o leitor é que as ilustrações não auxiliam na construção de sentidos do texto.

Esse texto é outro exemplo de que houve um pouco mais de investimento subjetivo do autor na confecção do artefato, do suporte da escrita. As folhas do texto de Nélio foram recortadas e contornadas de forma que se assemelhassem aos antigos pergaminhos. Receberam, além disso, tratamento com fogo, para produzir o efeito de objeto antigo, danificado pelo tempo. E, apesar de ser considerado um texto que não atendeu à proposta, mas também por isso mesmo, o tom “aventureiro” da narrativa nos autoriza a considerá-lo como um texto que foi produzido *na escola*, lembrando novamente Geraldini (1997), pois é próprio dos adolescentes o gosto pela aventura. Nesse caso, o aluno, não tendo o domínio necessário dos conhecimentos trabalhados, resiste às condições impostas e cria, à revelia, um texto que mais lhe agrada, exercendo a criatividade a seu modo.

### Considerações finais

Não podemos encerrar este trabalho sem antes considerar o fato de que, em quase todos os diários, inclusive os que se classificam no 1º Grupo, há a influência da atualidade, quer seja com respeito ao léxico, quer seja em relação a hábitos, práticas, motivações e valores. Tal ocorrência já era esperada como consequência da dificuldade – talvez, da impossibilidade – de os alunos se incorporarem mais intensamente da mentalidade de uma época remota e se desprenderem daquela em que estão inseridos. Assim é que aparecem palavras como “lanchar”, “estresse”; expressões como “navegar a todo vapor”; práticas como “tomava sorvete e comia gelatina”, entre outras, que, de certa forma, são também marcas da subjetividade.

Outro fato importante a se considerar é que, no universo de diários produzidos, encontraríamos elementos para expandir e/ou diversificar os grupos em que os dividimos para efeito desta análise. Por exemplo, poder-se-ia fazer o recorte de gênero para analisar os diários das alunas. Em muitos deles, há um trabalho especialmente sofisticado de construção do personagem narra-

dor e, conseqüentemente, da trama. São casos em que o diário é escrito por uma mulher e fica evidente a interferência da história de vida e da própria condição na narrativa produzida. Mas as autoras sabem, conforme a mentalidade da época, que mulheres não eram aceitas nas caravelas. Por isso o enredo teve que ser construído de forma que a presença da mulher na caravela se tornasse verossímil. Ou seja, essa personagem tinha que ter razões plausíveis que justificassem sua ida para a caravela; sua entrada na nau e sua permanência durante a viagem só poderiam se dar por meio de disfarce. E, claro, não faltaram os romances proibidos, inaceitáveis, não vividos, até que se descobrisse a mulher disfarçada. Esses textos são, sem dúvida, exemplares quanto ao exercício da subjetividade. Todavia, algumas alunas que arriscaram essa construção não alcançaram verossimilhança, comprometendo o caráter histórico da narrativa.

É preciso considerar, ainda, que ao dividirmos os diários em três grupos, não o fizemos entendendo que eles se igualam quanto aos critérios empregados para classificá-los. Há um *continuum* na utilização dos conhecimentos para a construção da trama narrativa, tanto que alguns textos parecem estar no limite entre um e outro grupo. Assim é que, no 3º Grupo, se incluem aqueles que talvez devessem compor um quarto grupo: são textos que não apresentam qualquer envolvimento do autor com a própria produção. Esta se constitui apenas em uma tarefa a ser entregue para as professoras: não é diário, às vezes nem narrativa, e a fragmentação não permite afirmar se houve apreensão de conteúdos históricos.

Dialogando com Foucault (2004) e Bakhtin (1997), este que afirma ser o gênero do discurso não uma forma da língua, mas uma forma do enunciado que, como tal, “recebe do gênero uma expressividade determinada, típica, própria do gênero dado” (BAKHTIN, 1997, p. 132), apostamos nessa proposta e acreditamos em seus resultados; e a produção dos diários de bordo nos tem demonstrado que vale a pena acreditar. Quer seja porque há alunos, como Pedro e os outros 24, que extrapolam as expectativas, quer seja porque há alunos, como Caio ou Nélio, que, certamente, sob outras condições, não alcançariam o resultado – bastante razoável – que alcançaram.

Brandão e Micheletti afirmam que

O homem cria, pela linguagem, representações exemplares que se tornam obras, discursos clássicos, depositários de uma memória coletiva que vai passando de geração a geração através de re-leituras individuais (aquela a que cada leitor procede solitariamente), ou da que de individual se amplia para a coletividade (quando o leitor expande a sua leitura pela confecção de um novo discurso artístico, em que ecoam reconhecidamente vozes de outras obras literárias). Nesse novo discurso, vozes entram em sintonia, dialogam entre si, passado

e presente se juntam no tecido da experiência. (BRANDÃO; MICHELETTI, 2001, p. 23)

Não pretendíamos, obviamente, que nossos alunos autores chegassem a tanto, apesar das boas surpresas que tivemos. Constatamos, no entanto, que é possível produzir textos ficcionais, com marcas visíveis da subjetividade literária, *na escola*. São momentos em que nossos alunos também produzem, senão novos discursos, novas relações discursivas, permeadas por diversas outras vozes que estabelecem o diálogo entre passado e presente, compondo o tecido de suas experiências.

### Abstract

*This paper aims to investigate the marks of subjectivity found in texts produced by 7<sup>th</sup> grade students in an interdisciplinary experience called "Exercise of Historic Imagination". The work was based in the study of the characteristics of the Diary gender and in the theoretic presuppositions of Cultural History and the Cotidien. The students production were analysed under the linguist materiality point of view, which was responsible for the texts configuration as diaries and under the construction of meanings which each students constructed based on the historic, linguistic and literaries concepts as well as under the knowledge they acquired. The analysis allowed us to observe that in order to produce, the students, conditioned by the historic context, devised strategies to put their creativity into work, exercising their subjectivity to guarantee a fictional character to the narrative.*

**Keywords:** *Interdisciplinarity. Diary. Subjectivity. Cultural history.*

### Referências

AMADO, J. *No tempo das caravelas*. Goiânia: CEGRAF-UFG; São Paulo: Contexto, 1992.

AMADO, J.; FIGUEIREDO, L. C. *A magia das especiarias*. São Paulo: Atual, 1999a.

\_\_\_\_\_. *As viagens de Américo Vespúcio: descobertas no antigo novo mundo*. São Paulo: Atual, 2000.

\_\_\_\_\_. *Medo e vitória nos mares*. São Paulo: Atual, 1999b.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

- BRANDÃO, H. N.; MICHELETTI, G. Teoria e prática da leitura. In: CHIAPPINI, L. (Coord.). *Aprender e ensinar com textos didáticos e paradidáticos*. São Paulo: Cortez, 2001.
- CABRINI, C.; MONTELLATO, A.; CATELLI, R. *História temática: 6ª série*. São Paulo: Scipione, 2004.
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- CHARTIER, R. *Cultura, escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- COLOMBO, C. *Diários da descoberta da América: as quatro viagens e o testamento*. Porto Alegre: L & PM, 1998.
- DREGUER, R.; TOLEDO, E. *Cotidiano e mentalidades: 6ª série*. São Paulo: Atual, 2000.
- ETGES, N. J. Ciência, interdisciplinaridade e educação. In: JANTSCH, A.; BIANCHETTI, L. (Org.). *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.
- . *O que é um autor?* 3. ed. Portugal: Veja, 1992.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- KLEIMAN, Â. B. *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Campinas, SP: Mercado Aberto, 1999.
- KLINK, A. *Mar sem fim: 360º ao redor da Antártida*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LE GOFF, J. A história do cotidiano. In: DUBY, G. et al. *História e nova história*. Lisboa: Teorema, 1989.
- MELLO, L. *Construindo consciências: história: 6ª série*. São Paulo: Scipione, 2006.
- MOTA, M.B. *História: das cavernas ao terceiro milênio*. São Paulo: Moderna, 2005.
- POE, E. A. *Histórias extraordinárias*. São Paulo: Ediouro, 1998.
- POSSENTI, S. *Discurso, estilo e subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RODRIGUE, J. *História em documento: imagem e texto*. São Paulo: FTD, 2002.
- VAINFAS, R. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.